

O acolhimento da gestualidade na terapia de linguagem: reflexões no âmbito da clínica fonoaudiológica

Juliana Zia*

Ivone Panhoca**

Maria de Lurdes Zanolli***

Resumo

O objetivo desta pesquisa foi analisar a gestualidade de uma criança com atraso de linguagem, no contexto da terapia fonoaudiológica em grupo. Na análise qualitativa dos dados, observou-se que a interpretação e atribuição de sentidos aos gestos produzidos pela criança, por parte dos outros, viabilizaram sua inserção no grupo terapêutico, possibilitando que ela fosse interpretada e conseguisse interpretar, constituindo-se, assim, como sujeito daquele grupo. Conclui-se que o fato de o gesto ser acolhido/significado naquele determinado contexto lingüístico-interativo, favoreceu a (re)construção da linguagem da criança e, acima de tudo, a (re)construção da sua identidade.

Palavras-chave: gestos; transtornos do desenvolvimento da linguagem; grupo terapêutico.

Abstract

The goal in this article has been the analysis of the gesture of a child that has a language delay within the speech pathology therapy group. By the data qualitative analysis one has observed what the interpretation and attribution of the senses to the gestures produced by the child amidst the other members, make his participation easy into the therapeutic group, enabling him to be understood and to understand, thus introducing him into the group. One gets aware that the gesture received in that precise linguist-interactive time, has favored the (re) building of the child's language and, above all, the (re) making of his identity.

Key-words: gestures; language developmental disorders; therapeutic-group.

* Fonoaudióloga, mestranda em Saúde da Criança e do Adolescente pelo Departamento de Pediatria da Faculdade de Ciências Médicas – Unicamp. ** Fonoaudióloga e professora da Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep) e da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). Doutora em Ciências pelo Instituto de Estudo de Linguagem da Unicamp. Pós-doutoramento I: “Program in Communication Disorders”, University of Houston/TX – EUA. Pós-doutoramento II: “Education Department”, Washington University in St Louis/ MO-EUA (1º Semestre de 2000). Pós-doutoramento III: “Facultad de Ciencias Sociales”, Universidad de Salamanca, España (2º semestre de 2000). *** Médica pediatra e sanitarista. Professora doutora do Departamento de Pediatria da Faculdade de Ciências Médicas – Unicamp. Mestrado em Medicina na área de Saúde Coletiva e doutorado em Pediatria pela Faculdade de Ciências Médicas – Unicamp.

Resumen

El objetivo de esta investigación fue analizar la gestualidad de un niño con retraso en el lenguaje, en el contexto de la terapia logopédica de grupo. A través del análisis cualitativa de los datos, se ha observado que la interpretación y atribución de sentidos a los gestos producidos por el niño, por parte de los otros miembros, hicieron viable su inserción en el grupo terapéutico, posibilitando que él fuera interpretado y lograra interpretar, constituyéndose, así, como sujeto de aquel grupo. Se concluye que el hecho del gesto ser acogido/significado en aquel determinado contexto lingüístico-interactivo, favoreció la (re)construcción del lenguaje del niño y, por encima de todo, la (re)construcción de su identidad.

Palabras clave: gestos; trastornos del desarrollo del lenguaje; grupo terapéutico.

Introdução

Na clínica fonoaudiológica, o número de crianças com hipótese diagnóstica de atraso na aquisição da linguagem é significativo, e muito se pesquisa sobre esse complexo tema. Contudo, os estudos sobre a gestualidade produzida por essas crianças são escassos, sendo raríssimas as referências na literatura que buscam compreender o papel do gesto na terapia fonoaudiológica.

De acordo com o postulado que fundamenta esta pesquisa, a linguagem é a esfera simbólica que “sustenta” e torna possível o exercício da vida em sociedade, possibilitando a estruturação das relações sociais, ou seja, a linguagem é o que faz dos indivíduos “seres sociais”. E o gesto, nessa concepção teórica, é compreendido como uma esfera simbólica, como unidade sígnea que participa das relações sociointerativas humanas, fazendo parte do processo maior de construção do conhecimento (Kramer, 2002; Facci, 2004).

O objetivo deste estudo foi analisar a gestualidade de uma criança com atraso de linguagem nas relações sociolingüísticas estabelecidas no contexto da terapia fonoaudiológica em grupo.

Pressupostos teóricos

Princípios básicos da perspectiva histórico-cultural

A base teórica deste trabalho é a perspectiva histórico-cultural, que considera as interações humanas, mediadas pela linguagem, como constitutivas dos processos mentais superiores (Freitas, 2002).

De acordo com essa abordagem, as funções mentais superiores – tipicamente humanas – são

de origem sociocultural e emergem de processos psicológicos elementares, através da interação da criança com elementos culturais, ou seja, através das experiências sociais às quais ela está exposta (Wertsch, 1991; Góes, 2000b; Vygotsky, 2000) Sendo assim, na atividade humana destacam-se os usos que a criança faz dos artefatos culturais do grupo a que pertence.

Nesse sentido, as interações que ocorrem em um grupo são responsáveis por despertar vários processos internos de desenvolvimento. O conceito de Vygotsky de zonas de desenvolvimento proximal, potencial e real, é básico para a compreensão dessa questão. Esses conceitos pressupõem que: 1. o que está no âmbito de zona de desenvolvimento potencial hoje será nível de desenvolvimento real amanhã, ou seja, o que uma criança pode fazer com assistência hoje, ela será capaz de realizar sozinha amanhã. Neste sentido, tal teoria é prospectiva, já que aponta para as possibilidades futuras da criança; 2. há processos de desenvolvimento que somente ocorrem se houver situações de aprendizado que o provoquem, já que dependem das experiências sociais e interações do grupo ao qual a criança pertence (Vygotsky, 2000).

Esse processo de aprendizagem ocorre inicialmente no “meio externo”, sendo posteriormente reconstruído internamente, compreendendo-se, aqui, que a princípio as experiências da criança são geradas/conduzidas socialmente para que tais processos sejam internalizados depois (Góes, 2000b).

De acordo com a perspectiva histórico-social, todas as funções superiores originam-se de relações “reais” entre pessoas, através das quais os significados são (re) construídos.

Todas as funções no desenvolvimento da criança aparecem duas vezes; primeiro, no nível social, e,



depois, no nível individual, primeiro entre pessoas (interpsicológica) e, depois, no interior da criança (intrapicológica). (Vygotsky, 2000, p. 75)

Sendo assim, a terapia fonoaudiológica grupal justifica-se na medida em que considera o grupo um contexto sociolinguístico em que se veicula grande diversidade de experiências e conhecimentos, de modo a viabilizar que as crianças adquiram linguagem e ações socioculturais, auxiliando na construção da identidade dos sujeitos em questão (Panhoca, 2003).

Nesse contexto, ressalta-se a extrema importância do terapeuta na clínica fonoaudiológica, pois ele atua como mediador, como o representante mais desenvolvido da cultura e da linguagem, exercendo a função de interpretar as ações da criança, contribuindo para a construção dela como ser social (Barbetta e Panhoca, 2003).

Gestos

Estudos mostram que os gestos têm representação na memória lexical, realçam a produção da fala e compreensão auditiva dos sujeitos. O uso dos gestos durante a atividade interativa está presente durante todo o desenvolvimento da criança, fazendo parte das práticas discursivas também na fase adulta e, dependendo da raça e da cultura da população, são utilizados juntamente com a linguagem oral, com maior ou menor intensidade (Driskell e Radtke, 2003; Morsella e Krauss, 2004; Ozcaliskan e Goldin-Meadow, 2005).

Nesse sentido, o uso de gestos faz parte da atividade interativa do ser humano durante toda sua vida, e, portanto, não pode ser dissociado de seu “funcionamento social”, nos termos de Wallon (1989).

Após o nascimento da criança, até o primeiro ano de vida, ocorre o amadurecimento das estruturas mesoencefálicas do sistema extrapiramidal. Durante os três primeiros meses de vida, a criança, além dos reflexos, realiza movimentos incoordenados e impulsivos. A partir dos meses seguintes evoluirão os movimentos expressivos, de atuação. Nesse período, o outro passa a atribuir significado aos movimentos produzidos pela criança (Wallon, 1989; Dantas, 1992).

A primeira atribuição de significado realizado pelo outro, diante dos movimentos produzidos

pela criança, é retratada nas obras de Vygotsky (2000) como o gesto de apontar. Segundo esse autor, o gesto de apontar, no início, nada mais é que uma tentativa frustrada de pegar algum objeto fora de seu alcance. Os dedos das crianças fazem movimentos que lembram o pegar e são interpretados pela mãe, o que faz com que esse movimento se torne um gesto de apontar para os outros. A criança percebe que essa tentativa ocasiona uma reação do outro, passando a entender o significado do seu movimento como o gesto de apontar; dessa maneira, a criança reconstrói internamente uma operação externa, atribuindo significações durante o processo de interação linguístico que está vivenciando.

Com isso, a criança inicia uma nova fase, em que as manifestações motoras consistirão em gestos intencionalmente dirigidos às pessoas. As crianças em processo de aquisição de linguagem já utilizam o gesto para compor o enunciado, colocando-o como esclarecedor do significado verbal.

Na etapa em que a função simbólica se inicia, aliada ao amadurecimento da região temporal do córtex, pode-se dizer que os movimentos “contêm idéias”, que a princípio são responsáveis por desencadear e conduzir o pensamento da criança (Wallon, 1989; Dantas, 1992).

Ao longo do desenvolvimento, ocorre a transição do sensório-motor para o mental, assinalando a entrada em um novo sistema, o cortical, quando o gesto torna-se simples atitude, ou seja, deixa de ser necessário para a organização interna da fala da criança (Wallon, 1989; Dantas, 1992).

O gesto pode ser considerado como a primeira representação do significado, considerando-se aqui o ser humano como “geneticamente social”, que desde bebê produz movimentos que serão interpretados pelos adultos para realização de seus desejos, e é a partir do reconhecimento dos movimentos da criança como gestos (culturalmente marcados) que tais movimentos ganham significado e reconhecimento social (Dantas, 1992).

Em meio às interações humanas, o gesto está fundamentalmente presente, tendo significado e estatuto simbólico já que é aprendido culturalmente, decorrendo de práticas que fazem sentido para os sujeitos envolvidos, naquela comunidade e naquele momento histórico (Marmora, 2000; Fedosse e Santana, 2002).

Procedimentos metodológicos

Trata-se de uma pesquisa qualitativa (Turato, 2000; Minayo, 2001), utilizando como diretriz teórico-metodológica os pressupostos da abordagem histórico-cultural (Vygotsky, 2000).

Este estudo foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Campinas, tendo sido aprovado com o número 221 / 2003.

Características do sujeito analisado

O sujeito eleito “ED”, à época dos trabalhos em grupo, tinha seis anos. Apresentava pouca oralização e comunicava-se muito pouco pela oralidade. Sua fala evidenciava grande comprometimento lingüístico, demonstrava afetividade e cooperatividade. Não desenhava, e permanecia pouco tempo direcionado às atividades propostas. Era o último de cinco filhos. O pai era auxiliar de pedreiro e a mãe era auxiliar de creche municipal. Moravam na periferia da cidade e tinham uma condição econômica insuficiente.

Dados do grupo terapêutico

O grupo era composto por cinco crianças: ED (sujeito do estudo), os gêmeos RE e RG, HE, ED e MI, todas do sexo masculino, com hipótese diagnóstica de atraso de linguagem, na faixa etária de 5 a 8 anos de idade.

Esse grupo foi trabalhado durante oito meses, em sessões semanais de uma hora e meia de duração, totalizando 23 sessões terapêuticas.

Coleta de dados

Para realizar a coleta dos dados foram utilizados: filmadora e fitas de vídeo. As sessões terapêuticas foram gravadas e posteriormente transcritas (transcrição ortográfica para as falas da terapeuta e transcrição literal para as falas das crianças, acompanhadas de comentários e observações relativas aos gestos feitos). Além disso, foram feitos relatórios semanais dessas sessões (diário de campo). Tal material é composto por 500 páginas de transcrições, além dos relatórios semanais.

A atividade básica desenvolvida foi o contar/recontar histórias infantis. Foram utilizadas nos trabalhos estratégias de memorização, organização e reconstrução do que foi ouvido, nas seguintes ativi-

dades: recontagem oral de histórias, desenhos, recorte/colagem, modelagens, dramatizações e escrita, todas voltadas aos temas das histórias enfocadas.

Discussão sobre o método

Para atingir o objetivo proposto por esta pesquisa, foi necessário compreender o processo lingüístico do sujeito do estudo, viabilizado por meio de atividades interacionais inseridas no seu contexto histórico social, neste caso, o contexto da terapia fonoaudiológica em grupo.

Aqui, assume-se que, somente por meio da realização de uma pesquisa que nos “obriga” a compreender o ser humano considerando suas conjunções sociais, históricas e culturais, ou seja, através da interpretação da constituição dos processos humanos, da singularidade, acionada nos processos interativos e intersubjetivos, é possível ter a pretensão de analisar, estudar e entender o ser humano em toda sua complexidade (Turato, 2000; Minayo, 2001).

O objeto de estudo eleito é o desenvolvimento da língua(gem) entendido como um processo dinâmico, ou seja, a “língua em atividade”, nos termos de Perroni (1996). Nesse sentido, assume-se uma posição desenvolvimental, entendendo-se que os dados gerados refletem desenvolvimento.

Neste estudo, a abordagem qualitativa se enquadra no modo de fazer/pensar o conhecimento científico, fornecendo os subsídios necessários para a condução integral da pesquisa quanto às opções teóricas, métodos e procedimentos utilizados.

Essa forma de análise permite a articulação entre a história do sujeito (e seu contexto histórico-cultural) e o processo de construção de sua linguagem, possibilitando uma maior aproximação de suas “reais” condições interacionais (Góes, 2000a; Minayo, 2001).

Resultados

Foram selecionados quatro recortes de episódios que serão aqui analisados, demonstrando a evolução do sujeito ao longo dos trabalhos terapêuticos.

Foi utilizado nome fictício “Edmilson” para o sujeito do estudo, de forma a preservar sua identidade.

Entre parênteses, aparecem descrições dos movimentos gestuais; entre barras, observações

relevantes durante os episódios; entre aspas, a linguagem oral. Fazem parte do grupo analisado: TE: terapeuta; ED/ Edmilson: sujeito do estudo; RE, RG, MI e HE: participantes do grupo; AP 1 e 2: auxiliares de pesquisa.

Episódio 1 – referente à 1ª sessão terapêutica do grupo

Contexto: as cinco crianças, a terapeuta e as duas auxiliares de pesquisa estavam sentadas em círculo, e o objetivo era que todos se apresentassem e falassem um pouco de si.

Turno 1 – TE: Fale seu nome. Como é seu nome? É Paulo? Conta pra mim? (referindo a ED)

Turno 2 – ED: (faz que não com a cabeça. Brinca com o cadarço do tênis, virado de costas para o grupo.)

Turno 3 – HE: (resmungando) Edmilson.

Turno 4 – TE: É Edmilson, é? Tá certo o que ele falou?

Turno 5 – ED: (Concorda com movimentos positivos de cabeça, ainda de costas para o grupo.)

Turno 6 – TE: É Edmilson, né? Então tá bom.

Turno 7 – HE: Eu falei.

A criança permaneceu de costas para as pessoas, não manteve contato visual com o interlocutor, não interagindo com o grupo e, conseqüentemente, não participando da atividade proposta, apenas respondendo, pelo gesto, ao que a terapeuta lhe perguntou. Nota-se, porém, que já foi representado como falante da língua pela terapeuta, que se dirigiu oralmente a ele.

Episódio 2 – referente à 3ª sessão terapêutica do grupo

Contexto: neste episódio, as crianças estavam na lousa, fazendo desenhos com giz, enquanto comentavam sobre o que estavam desenhando.

Turno 1 – TE: Que desenho bonito hein, grandão, hein, Edmilson?

Turno 2 – ED: (Faz movimentos com as mãos. Vira para a terapeuta e começa a fazer gestos e a emitir enunciados não interpretáveis.)

Turno 3 – TE: O que é isto? (referindo-se ao desenho de Edmilson)

Turno 4 – ED: (Balança a cabeça e movimentando os braços, com a expressão de surpresa, associada a enunciados não interpretáveis.)

Turno 5 – TE: Um buraco?

Turno 6 – ED: (Realiza meneio positivo com a cabeça.)

Turno 7 – TE: Um desenho grande?

Turno 8 – ED: (Realiza meneio negativo com a cabeça. A movimentação de negação ocorre novamente associada a sons não interpretáveis.)

Turno 9 – TE: Um buraco? Aonde um buraco?

Turno 10 – ED: (Realiza meneio positivo com a cabeça e aponta para o “infinito/lugar longe”.)

Turno 11 – TE: Lá! Você viu um buraco?

Turno 12 – ED: Vi. (Apaga a lousa.)

Turno 13 – TE: Caiu nele?

Turno 14 – ED: Não.

Quando questionado (turno 1), ED virou-se, olhou para o interlocutor e utilizou-se de gestos, associados a enunciados não interpretáveis (turno 2).

Nos turnos 3, 5, 7 e 9, observaram-se tentativas da terapeuta em atribuir sentido aos gestos da criança para saber o que ela desenhava. Já nos turnos 11 e 13, a terapeuta buscou interpretar o significado daquele desenho para ED, que para ele foi correspondente da realidade (turnos 12 e 14).

Nos turnos 12 e 14 a criança utilizou a linguagem oral, por meio de palavras monossilábicas para responder a uma pergunta feita pela terapeuta, sem apoio do gesto.

Episódio 3 – referente à 6ª sessão terapêutica do grupo

Contexto: as crianças estavam fazendo modelagens relativas a um tema da história enfocada.

Turno 1 – ED: (Emite enunciados não interpretáveis para a terapeuta.)

Turno 2 – TE: O que é que é?

Turno 3 – ED: (Faz gestos apontando para ele mesmo, associados a enunciados não interpretáveis.)

Turno 4 – TE: O que aconteceu?

Turno 5 – ED: (Aponta para a cabeça) Ai, ai, ai.

Turno 6 – TE: Bateu?

Turno 7 – ED: Bateu, ó. Aí, aí, aí. (Beija a mão.)

Turno 8 – TE: Deu beijo e sarou?

Turno 9 – ED: No, no. (Realiza meneio negativo com a cabeça.)

Turno 10 – TE: “É, não sarou. Ficou doendo? Aonde que você bateu?”

Turno 11 – ED: Ó qui. (Mostra a cabeça com a mão.)

Turno 12 – TE: A cabeça?

Turno 13 – ED: (Afirma realizando meneio positivo com a cabeça.)

Turno 14 – TE: Na escola?

Turno 15 – ED: (Negativa com meneio negativo.)

Turno 16 – TE: Na sua casa?

Turno 17 – ED: (Afirma com meneio positivo.)

No turno 1, ED iniciou o diálogo com a terapeuta por meio de enunciados não interpretáveis, e, em seguida, a terapeuta o questionou para saber o que ele queria (turno 2). A partir do turno 3, a criança começou a utilizar gestos associados ao uso da linguagem oral para contar algo que ocorreu com ele, sendo interpretado a partir desse momento. A terapeuta foi atribuindo sentido aos gestos de ED, construindo um texto a partir deles e inserindo ED nesse contexto.

Nesse episódio, a linguagem oral apareceu de forma interpretável nos turnos 5, 7, 9 e 11, tendo o gesto como apoio durante o processo dialógico.

Episódio 4 – referente à 17ª sessão terapêutica do grupo

Contexto: as crianças haviam acabado de ouvir uma história e estavam fazendo desenhos sobre o tema ouvido. O grupo havia mudado de sala por problemas de espaço físico e a terapeuta havia recolhido os desenhos das crianças durante a mudança, devolvendo-os para que eles continuassem a atividade.

Turno 1 – TE: “Edmilson, esse desenho é seu?”

Turno 2 – ED: (Realizou meneio negativo de cabeça associado a gesto indicativo de não, com as mãos) Não.

Turno 3 – TE: É sim, olha seu nome escrito aqui.

Turno 4 – ED: (Realizou gesto indicativo de não, apontou para o desenho e realizou gestos com as mãos querendo dizer “como meu?”)

Turno 5 – TE: É seu sim.

Turno 6 – ED: (Meneio negativo de cabeça.)

Turno 7 – TE: Olha Edmilson, tem seu nome escrito aqui.

Turno 8 – ED: (Apontou para a terapeuta.)

Turno 9 – TE: Eu só escrevi o nome, mas o desenho é seu. Olha vamos ver esse desenho, tem um cavalo bebendo água...

Turno 10 – ED: (Coloca a mão na cabeça, querendo dizer lembrei, e fez meneio positivo de cabeça estendendo a mão, pedindo o desenho de volta para ele.)

Turno 11 – TE: Lembrou?

Turno 12 – ED: (Realizou meneio positivo de cabeça e sorriu. Voltou a desenhar.)

Nesse episódio, observou-se que a interpretação da terapeuta levou a um esclarecimento, o que possibilitou a continuidade dos trabalhos na medida em que ela tinha mais informações do que ele sobre o processo de construção daquele desenho. Então a terapeuta, apoiando-se nos gestos de ED, reposicionou-o na história daquele desenho, levando-o a se lembrar-se do que havia ocorrido, e com isso, ED retornou à atividade inicialmente proposta (turno 12).

Discussões

No início das terapias, como demonstrado no episódio 1, ED comunicava-se raramente com os sujeitos do grupo, fossem eles as crianças ou as terapeutas. Era bastante retraído, evitava contato de olho e não expressava suas idéias. A terapeuta precisava, a todo momento, chamá-lo, questioná-lo para tentar fazer com que ele participasse do grupo.

No decorrer das sessões, como pode ser observado nos episódios de 2, 3 e 4, o uso dos gestos intensificou-se e se oficializou como o meio de comunicação básico da criança, fundamentalmente devido à interpretação e atribuição de sentidos/significados por parte da terapeuta aos gestos de ED. Além disso, tais atitudes possibilitaram que ele fosse inserido e mantido na interação, como será ressaltado nos comentários dos episódios a seguir.

No episódio 2, a terapeuta interpretou o significado do gesto de ED referente à nomeação do desenho que ele havia feito. Nos turnos 5, 7 e 10, dessa sessão, apareceram tentativas da terapeuta de interpretar o gesto dele; no turno 10, pode-se verificar os gestos de afirmação de ED quanto ao significado do seu desenho, o que foi obtido através do trabalho de interpretação da terapeuta.

Já no episódio 3, a iniciativa do diálogo partiu da criança, sendo observada, a partir desse momento, turno a turno, a construção de um texto a partir

do processo de interpretação da terapeuta diante dos gestos da criança, ou seja, a partir das tentativas de atribuição de sentidos aos gestos de ED foi possível compreender o ocorrido com ele, situando-se o que/como/onde aconteceu o fato.

No episódio 4, pode ser observado um diálogo entre os gestos da criança de um lado e a interpretação da terapeuta de outro. Nos turnos 3 e 5, a terapeuta interpretou os gestos dele como “esse desenho não é meu”, e a partir dessa atribuição de significado foi possível que a criança desse sua opinião, defendendo aquilo que achava correto. Nesse episódio, a terapeuta, além de interpretar os gestos de ED, utilizou-os para ajudá-lo a lembrar da história do desenho.

As interpretações e os significados/sentidos que a terapeuta atribuiu aos gestos da criança possibilitaram que ED passasse a se ver como um sujeito capaz de participar de um contexto lingüístico-interativo, e suas atitudes gestuais mudaram significativamente no transcorrer das sessões.

A linguagem oral, que anteriormente não aparecia (episódio 1), começou a ocorrer durante as sessões, mesmo que em enunciados não interpretáveis, e sempre inserida em uma situação contextualizada, tendo na maioria das vezes o gesto como apoio.

No episódio 2, a criança, que anteriormente não falava, respondeu oralmente a duas perguntas feitas pela terapeuta (turnos 12 e 14) utilizando palavras monossilábicas sem utilizar o gesto. Já no episódio 3, a criança utilizou diversas vezes a linguagem oral conjuntamente ao gesto durante o processo dialógico.

Somente o uso da linguagem oral talvez não possibilitasse que ED fosse compreendido durante o contexto dialógico, porém, a partir dos gestos, a criança foi interpretada pela terapeuta, conseguindo comunicar-se.

Conclusões

Na perspectiva teórica que norteia este trabalho, o gesto foi considerado como esfera simbólica, como um dos recursos que a criança com atraso de linguagem pode utilizar no contexto lingüístico-interativo. A terapeuta desempenhou um papel de extrema importância nesse contexto, pois, através dos efeitos da interpretação dela, atribuindo sentidos/significados aos gestos, a criança foi incorporada à(s) interação(ões).

O acolhimento da gestualidade na terapia fonoaudiológica permitiu que a criança com atraso de linguagem dialogasse, representasse, construísse textos, se posicionasse, opinasse, enfim, passasse a ocupar uma posição diferenciada, uma posição que lhe fornecesse condição para se expressar, ser interpretada e interpretar, inserindo-se em contextos lingüístico-interativos, tipicamente humanos. Com isso, a criança passou a ter acesso a um novo universo sociocultural, antes inacessível devido à dificuldade de comunicar-se oralmente.

O gesto, assumido como função simbólica, como um dos artefatos culturais, aceito no contexto interativo, pode tornar-se uma “ferramenta” no processo maior de construção do conhecimento, à medida que possibilita a internalização de atividades social e historicamente construídas, levando a processos de (re)significações, que vêm a favorecer o desenvolvimento da criança.

Além disso, o uso do gesto por essas crianças pode ser um fator que estimule/descadeie o uso da linguagem oral, pois possibilita que ela se assumia como um sujeito lingüisticamente ativo, tendo-o como apoio/suporte na tentativa de estabelecer um diálogo com o outro, de forma a garantir sua permanência no processo dialógico.

Referências

- Barbetta NL, Panhoca I. Gêmeos idênticos no grupo terapêutico-fonoaudiológico: a construção da linguagem e da subjetividade. *Pro Fono* 2003;15(1):139-48.
- Dantas H. Do ato motor ao ato mental: a gênese da inteligência segundo Wallon. In: Taille YL, Oliveira MK, Dantas H. Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus; 1992. p.35-46.
- Driskell JE, Radtke PH. The effect of gesture on speech production and comprehension. *Hum Factors* 2003;45(3):445-54.
- Facci MGD. A periodização do desenvolvimento psicológico individual na perspectiva de Leontiev, Elkonin e Vygotsky. *Cad CEDES* 2004;24(62):64-81.
- Fedosse E, Santana AP. Gesto e fala: continuidade ou ruptura?. *Disturb Comun* 2002;2(13):243-55.
- Freitas MTA. A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. *Cad Pesq* 2002;116:21-39.
- Góes MCR. A abordagem microgenética na matriz histórico cultural: uma perspectiva para o estudo da constituição da subjetividade. *Cad CEDES* 2000a;(50):9-25.
- Góes MCR. A formação do indivíduo nas relações sociais: contribuições teóricas de Lev Vygotsky e Pierre Janet. *Educ Soc* 2000b;21(71):116-31.
- Kramer, S. Autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com crianças. *Cad Pesq* 2002;116: 41-59.
- Marmora CHC. Linguagem, afasia, (a) praxia: uma perspectiva neurolingüística [dissertação]. Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas; 2000.



- Minayo MCS. Estrutura do sujeito, determinismo e protagonismo histórico: uma reflexão sobre a práxis da saúde coletiva. *Ci Saude Col* 2001;6(1):07-19.
- Morsella E, Krauss RM. The role of gestures in spatial working memory and speech. *Am J Psychol* 2004;117(3):411-24.
- Ozcaliskan S, Goldin-Meadow S. Gesture is at the cutting edge of early language development. *Cognition* 2005;96(3):101-13.
- Panhoca I, Leite APD. A constituição de sujeitos no grupo terapêutico: identidade e subjetividade no universo da clínica fonoaudiológica. *Disturb Comun* 2003;15(2):289-308.
- Perroni MC. O que é o dado em aquisição de linguagem?. In: Castro MFP, organizador. *O método e o dado no estudo da linguagem*. Campinas, SP: Ed. Unicamp; 1996. p.15-29.
- Turato ER. Introdução à metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: definições e principais características. *Rev Port Psicossom* 2000;2(1):93-108.
- Vygotsky LS. *A formação social da mente*. 6.ed. São Paulo: Martins Fontes; 2000.
- Wallon H. *As origens do pensamento da criança*. São Paulo: Manole; 1989.
- Wertsch JV. *Voices of mind: a sociocultural approach to mental action*. Cambridge, MA: Harvard University; 1991.

Recebido em março/05; **aprovado em** novembro/05.

Endereço para correspondência

Juliana Zia
Rua Aquilino Pacheco, 1033, apto 33, Piracicaba, SP
CEP 13419-150

E-mail: julianazia@hotmail.com

